

No exterior, a receber o visitante do Instituto de Higiene e Medicina Tropical, uma estátua em bronze de Garcia de Orta ¹ de corpo inteiro sobre um pedestal cilíndrico em pedra, da autoria de Martins Correia (1910-1999). Garcia de Orta (1501-1568), médico português do Renascimento, é uma personalidade fundamental para a história da Medicina Tropical. De ascendência judia, nasceu em Castelo de Vide, estudou medicina em Salamanca e Alcalá, ensinou e foi médico em Lisboa, por curto tempo, embarcando para a Índia em 1534. Na Índia exerceu medicina e alcançou grande prestígio. Escreveu os "Colóquios dos Simples e Drogas e Coisas Medicinais da Índia ...", de 1563, obra basilar para a medicina nos trópicos, onde estuda, acrescenta, verifica ou contradiz os autores clássicos. "Como testemunha de vista", Orta revela-nos exemplares da flora asiática e é pioneiro na descrição de patologias tropicais e de tratamentos com plantas exóticas. Na estátua, Orta, em traje seiscentista, segura na mão direita um ramo, talvez de canela, e com a esquerda ampara um exemplar dos "Colóquios".

Ladeando a escadaria do edifício, sobre plintos quadrangulares, dois grupos escultóricos em pedra lioz, datados de 1958 e talhados por Euclides Vaz (1916-1991). À esquerda representam-se Hipócrates e Higeia ². Hipócrates (c.460-377a.C.), o "pai da ciência médica", reita um pergaminho, evocativo do "ju- e apoia a esquerda num bastão onde rpente, ambos símbolos dos poderes da (séc.VII a.C.), filha de Esculápio, deus a, é a deusa tutelar da saúde e da sani- se frequentemente à farmácia. Do seu giene, caminho essencial para prevenir isso é representada erguendo na mão e segurando com a esquerda um ramo bém simboliza o triunfo. Ao lado direito m as estátuas da Ciência protegendo o as Biológicas e o Vigor Humano ³. A a mão direita um microscópio e apoia a



esquerda sobre o ombro da figura masculina, cobrindo-a com o seu manto em sinal de proteção. O Homem repousa a mão direita numa coluna e no solo desenrolam-se alguns manuscritos, referência aos pilares da ciência e ao conhecimento. De mão esquerda entreaberta, em posição adoptada usualmente durante a marcha, parece indicar os futuros desenvolvimentos médico-científicos, em benefício da humanidade.

Na actual sala Cambournac, um longo friso de azulejos ⁴ cobre parcialmente as paredes de norte a sul, passando pelos espaços das janelas e portas que se abrem a nascente. São da autoria de Lino António (1898-1974), assinados e datados de 1958. Em acentuada policromia, misturam-se cenas do quotidiano com animais e plantas de África: - No topo do painel norte um anjo transporta um facho de luz e, em baixo, um casal contempla o filho bebé. A preparação dos alimentos, moendo a farinha no pilão ou escolhendo o arroz, mistura-se com o transporte do sisal. Adiante é a manufatura dos recipientes em barro e a caça. Uma mãe sentada ampara o filho ao colo e uma gazela assa no espeto. Outra mulher caminha de alguidar à cabeça, com a criança às costas. De permeio, plantas exóticas e pássaros intercalam-se com referências à caça. A pintura e o fogo alternam com um macaco. Um tigre conclui o friso que as altivas girafas iniciaram.



Outro painel de azulejo ornamenta o átrio de acesso ao "anfiteatro dos colonos" ⁵, actual sala Fraga de Azevedo, no extremo do corpo nascente do edifício. Num tríptico ilustram-se africanos e colonos, em cenários que parecem denunciar paisagens de São Tomé e Príncipe. São cerâmicas de Jorge Barradas (1894-1971), embora não estejam assinadas nem datadas. O quadro da esquerda mostra a recolha das madeiras exóticas. No grupo central representa-se num alpendre, junto à porta da residência, um colono que acaricia uma criança de colo, transportada nos braços de uma nativa. À direita exibem-se as tarefas do embarque de madeiras, caixotes e vasilhame, para um batel, enquanto o vapor aguarda fundeado.

Na sala do Conselho, Científico, cobrindo a parede do lado da presidência, pode admirar-se uma tapeçaria em lã datada de 1959 ⁶. Foi tecida na Manufatura de Tapeçarias de Portalegre, sob orientação de Guy Fino (1920-1997) e seguindo um cartão de Manuel Lapa (1914-1979). Em tons predominantes de azul, verde seco e castanhos, representa-se uma paisagem tropical, com denso arvoredo da selva africana e uma pequena clareira iluminada, onde passam dois antílopes.



Uma grande pintura sobre madeira está agora colocada do lado nascente no vasto átrio da entrada principal do edifício ⁷. O seu autor é Albano Neves e Sousa (1921-1995), que a assinou e, embora esteja datada de 1956, não consta das descrições iniciais do edifício, pelo que se presume que tenha sido uma oferta posterior. Sobre os tons fortes do fundo, onde predominam vermelhos, amarelos, ocres e azuis, distribuem-se grupos de nativos



africanos desempenhando, numa sanzala, atividades da vida diária: ao centro dois jovens derrubam uma árvore a golpes de catana; duas mulheres caminham, uma amamenta o filho e a outra transporta um cacho de bananas à cabeça. Outro grupo de mulheres, em cima à direita, trata da alimentação: mistura-se a farinha, trituram-se os grãos num pilão e transporta-se a água num cântaro. Uma outra mulher leva um alguidar à cabeça. Em baixo à direita, um casal em marcha, ele de tanga e catana à cintura, ela com saia tradicional transportando uma vasilha. Mais ao centro, em baixo, jovens acorados parecem jogar e, do lado esquerdo, um grupo em tronco nu distribui-se em redor de uma fogueira. No canto superior esquerdo, com cores pesadas de um azul-chumbo que nos transportam para o oculto e o misterioso, um grupo de doentes, com débil aparência, aproxima-se para consulta ao feiticeiro que está sentado, em atitude de superioridade e sob a protecção simbólica das caveiras.



Outras quatro pinturas sobre madeira, de menores dimensões, não assinadas nem datadas, mas com título inscrito, são atribuídas igualmente a Neves e Sousa. Duas estão agora no gabinete do Director ⁸ e representam o gado e a caça. As outras duas decoram o gabinete da Subdirectora ⁹ e ilustram a pesca de mar e de rio.



No Secretariado da Direcção uma aguarela sobre papel, assinada por Carlos Luz (1951-....) ¹⁰ mostra a estátua de Garcia de Orta em primeiro plano e, depois do extenso relvado, árvores e arbustos, a fachada do edifício. É uma obra datada de 1988 e foi dedicada ao Prof. Ferraz de Oliveira na época Director do Instituto.

